



## Políticas do armário no cinema contemporâneo brasileiro: percorrendo territórios narrativos e audiovisuais

Tadeu Bousada<sup>1</sup>

Mestrando no curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

E-mail: [tadeubousada@gmail.com](mailto:tadeubousada@gmail.com)

Orientador: Prof. Erly Vieira Júnior<sup>2</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

E-mail: [erlyvieirajr@hotmail.com](mailto:erlyvieirajr@hotmail.com)

### Resumo

A pesquisa em questão é derivada de um projeto de mestrado que visa compreender como as políticas do armário podem ser representadas no cinema contemporâneo brasileiro, propondo uma nova dimensão estética materializada pelas técnicas audiovisuais e narrativas na produção de sentidos e sensorialidades *queer*. Através de recursos metodológicos provindos da análise fílmica, buscou-se neste resumo, fazer um pequeno recorte demonstrativo que engloba as análises de conteúdo e imagem e som - conceitos propostos pela pesquisadora Manuela Penafria - nos filmes *Tatuagem* (2013), *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014), e *Praia do Futuro* (2014).

**Palavras-chave:** Armário, Cinema, Estética, Materialidade Fílmica.

A dimensão simbólica do armário<sup>3</sup> na cultura LGBTQ contemporânea – sobretudo no ocidente – diz respeito a uma série de políticas e acontecimentos sociais que marcaram e ainda consomem o *status quo* público e privado de indivíduos pertencentes a essa nomenclatura. Seja por uma ênfase exaustiva nas questões que circundam a tríade homossexualidade/segredo/revelação, ou na exclusão de grupos (travestis, transexuais e não binários) que não se comportam em processos derivados da polarização homo/heterossexualidade, houve-se, a partir da

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Comunicação e Territorialidades da PÓSCOM-UFES. Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Cineasta, escritor e pesquisador na área audiovisual. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2012), é professor do Departamento de Comunicação Social e dos programas de pós-graduação em Artes (PPGA) e Comunicação (POSCOM), da Ufes.

<sup>3</sup> O armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX (Sedwick, 1990, pg. 26).



segunda metade do século XX, o florescimento de discussões, movimentos sociais e ativismos a respeito dos direitos civis LGBTQ, como o tão citado Junho de 1969<sup>4</sup>.

Das ruas e espaços públicos marginalizados para as academias, cunharam-se várias teorias que emergiram nesse universo, buscando análises, apontamentos, alternativas e proposições. No entanto, mesmo com o marco de Stonewall, liderado por personagens distintos de grupos minoritários, as atenções ficaram retidas na autorevelação gay, e a quebra de expectativa sobre a identidade homoerótica ganhou ainda mais curiosidade e enfoque pela opinião pública ao invés de ser superada “pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome<sup>5</sup>” (Sedwick, 1990, pg. 21).

As epistemologias que envolvem as políticas internas e externas do armário não são um regime de discussões superadas, muito menos estagnou-se nos estudos culturais. Ao contrário, encontra diversas abordagens no contemporâneo – algumas mais amplas, outras com tendências separatistas - dadas as estruturas híbridas de uma narrativa que conflui conforme avançam ou se interrompem determinados modelos de representações. É inegável que estudos sobre o despertar do desejo à revelação da identidade homoerótica contribuíram para as reflexões do pensamento LGBTQ, e proporcionaram pesquisas posteriores mais consistentes. Entretanto, deve-se compreender que há mudanças significativas nas relações sociais atuais que abragem tanto pessoas dentro, quanto fora do armário, como considera a filósofa norte-americana Eve Kosofsky Sedwick (1990, pg. 22).

Segundo a autora, há riscos em enfatizar o armário enquanto objeto central e não cair no mesmo erro histórico de pesquisas que criaram uma visão determinista sobre esse processo. Estudos que decidem não partir pelo mesmo viés utópico, devem se precaver para não somente sacralizar a figura simbólica do armário, validando as árduas experiências de sujeitos sociais que vivenciaram tal conjunto de

---

<sup>4</sup> Movimento de Resistência LGBTQ em Nova York contra a violência policial que costumeiramente violentava e oprimia esse público em bares e pontos LGBTQ no bairro de Greenwich Village. Na data em questão, homenagem a atriz Judy Garland – eterna *Dorothy* no filme *O Mágico de OZ* – gays, lésbicas e travestis saíram em defesa das drag queens que se apresentavam no bar *Stonewall Inn*, marcando um protesto que se repercutiria por três dias consecutivos. A data se tornou símbolo internacional a favor da não intolerância contra pessoas LGBTQ, comemorada em vários países pelo mundo.

<sup>5</sup> Nessa passagem Sedwick faz referência ao pronunciamento de Oscar Wilde, julgado por “sodomia” em 30 de abril de 1895.



opressões, e o seu rompimento representado a partir de uma perspectiva honrosa. Fato é que muitos literários, na falta de uma postura epistemológica mais racional e menos idealista, produziram interessantes obras que trataram a questão a partir de diferentes conotações e perspectivas. Assim, “numa escala muito mais ampla e com uma inflexão menos honofórica, a epistemologia do armário tem sido produtora incasável da cultura e história do ocidente como um todo” (1990, pg. 23).

O cinema como um mecanismo cultural histórico e socialmente decisivo para a consturção de referências no imaginário LGBTQ, acompanhou essas discussões, e através de suas narrativas imprimiu histórias que abordaram as políticas do armário, acompanhando as mudanças acadêmicas, sociais e ativistas, para assim propor novos espectros para essa comunidade. Impulsionado pelo *New Queer Cinema*, movimento liderado por cineastas LGBTQ que redefiniria as bases do gênero (tanto na técnica de produção cinematográfica, quanto nas composições narrativas), o armário passa a não ser mais o fulcro central dos enredos fílmicos e se descola dos caminhos que o aproximava de uma gênese heterossexista.

Tendo em vista a análise acima, este resumo expandido é o resultado preminilar de uma dissertação que visa compreender como as epistemologias do armário são retratadas no cinema contemporâneo brasileiro. Em concomitância com os estudos das pesquisadoras e cineastas Mariana Baltar e Érica Sarmet, admite-se um ponto de virada nas filmografias LGBT e *Queer* a partir de 2010, onde as narrativas sobre a saída do armário mais desprendidas de um viés essencialmente ultraromântico buscam sensibilizar o público através de um “prazer visual” (BALTAR & SARMET, 2016, pg. 55) produzido por elementos da materialidade fílmica.

Pensando a convergência entre esses dispositivos técnicos na evocação de sensibilidades, a pesquisa propõe a análise fílmica de três obras cinematográficas - *Tatuagem* (2013), de Hilton Lacerda, *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014), de Daniel Ribeiro e *Praia do Futuro* (2014), De Karin Arnouz, onde as políticas do armário são abordadas. Desse modo, procura-se averiguar a possibilidade de um território estético comum a partir desses filmes, salientando as reflexões epistemológicas em torno da saída do armário dentro das pesquisas que a compreendem – teoria *queer* e estudos da masculinade – e quais aspectos da materialidade fílmica são responsáveis por conferir a esses produtos audiovisuais



uma nova leitura do armário no século XXI.

Análise fílmica empreendida para a pesquisa em questão, dialoga com os conceitos e metodologias apresentados por Manuela Penafria (2009) ao ter como objeto o cinema e seus dispositivos. Dentre os modelos discutidos pela autora, este trabalho tem se desenvolvido a partir do cruzamento de duas concepções: a análise de conteúdo, que reivindica abordagem do tema e suas discussões sociais e a análise de imagem e som, destacando os elementos técnicos que contribuem para o filme ser percebido enquanto meio de expressão (PENAFRIA, 2009, pag 7). Opta-se por pensar os dois vieses mencionados, já que tais denominações não foram dispostas por Penafria de forma exaustiva, mas podem ser intercaladas buscando a melhor construção analítica enquanto método de estudo do cinema.

Em primeira instância, o processo de desenvolvimento dessa análise busca, a partir dos filmes selecionados, a verificação de uma forma estética partilhável entre as narrativas sobre a saída do armário, salientando convergências e divergências advindas de suas próprias materialidades. Dentre as observações já assinaladas, é possível pensar alguns recortes cênicos e narrativos, como a dança que está presente em todos os longas descritos. Sua construção no enredo desses filmes não se dá de forma casual, mas marca o desenrolar afetivo dos personagens e está atrelada a forma em que a construção social do armário se delimita nos espaços públicos e íntimos da vida social LGBTQ.

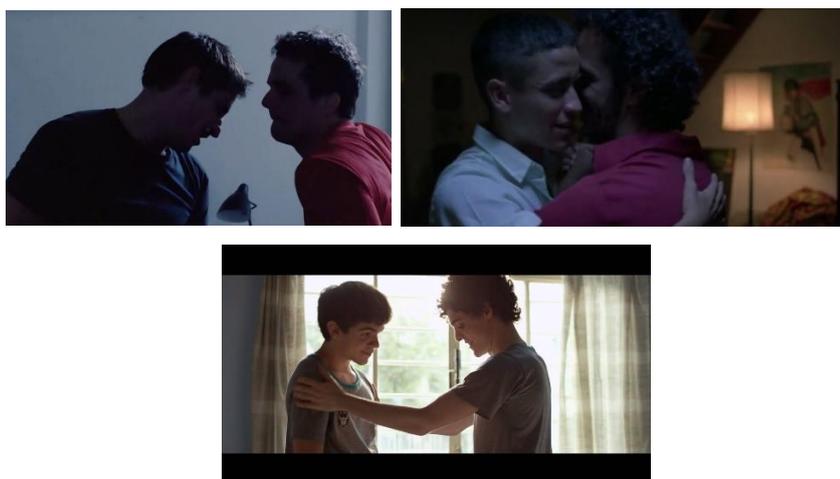


Figura 1: Cenas de dança nos filmes *Praia do Futuro* (2014), *Tatuagem* (2013) e *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014).

“O corpo coreográfico e as novas técnicas revelam uma potencialidade para expressar discursos além do dizível” (NUNES, 2008 pg.4). Nas passagens citadas,



por exemplo, os elementos materiais se conjugam buscando enfatizar a produção de sentidos e sensorialidades evocadas na dimensão da identidade homoerótica e o círculo afetivo que envolve os personagens. Tanto em *Praia do Futuro*, como em *Tatuagem* as cenas de dança são produzidas por planos sequências, com a câmera em movimento – provavelmente a partir da técnica de steadcam – produzindo “singelas oscilações graciosas” (JULLIER & MARIE, 2009, pg.36) enquanto os corpos dos atores performam um contato mais íntimo dentro do espaço que muitas vezes é o único lugar reservado às relações afetivas entre sujeitos LGBTQ. Já em *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, apesar da dança também estar inserida em um ambiente particular, a câmera do diretor Daniel Ribeiro prefere enquadrar planos médios e *close-ups* preocupando-se em apresentar os primeiros detalhes que marcam o amadurecimento de uma intimidade homoafetiva.

#### **Referências Bibliográficas:**

BALTAR, Mariana. **Femininos em tensão: da pedagogia sociocultural a uma pedagogia dos desejos**. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus. *New queer cinema: cinema, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015. (catálogo online).

JULLIER & MARIE. **Lendo as imagens do cinema**. Tradução Magda Lopes. Edição brasileira: editora Senac São Paulo, 2009.

NUNES, A. **Cultura e midiatização na relação do cinema com a dança**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador Bahia, Brasil, 2008.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

SEDWICK. K. Eve. **A Epistemologia do Armário**. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007.